

RELATÓRIO SOBRE AS ESCAVAÇÕES DE KITALA E KAMABANGAS

POR

HENRIQUE M. ABRANCHES

I — CONTEXTO GEOLÓGICO

1 — Grosso modo, a costa de Luanda apresenta uma paisagem lagunar, onde vive uma fauna abundante em peixe e moluscos e uma flora dominada por mangais, arbustos situados à beira-mar.

A costa estende-se, às vezes, até uma profundidade de 500 m em direcção às falésias, algumas trepando até 70 m ou mais. No planalto árido que se segue, as camadas superiores de uma espessura de 4 m a 5 m parece serem constituídas por areias vermelhas redistribuídas do tipo II, com terrenos em geral argilosos e uma vegetação espinhosa, alguns imbondeiros, certas espécies de palmeiras e outras famílias vegetais da savana árida.

Este «Plateau» de que vimos falando, escorrega, em vertentes mais ou menos acentuadas para os vales interiores para Sul-Norte e Este, abaixando-se muito suavemente durante uma centena de metros para se precipitar nas falésias a Oeste, viradas para o mar. Esta vertente suave que precede as falésias e as «barrocas» (contrafortes argilosos curiosamente eruditos), tem o aspecto do resultado de algum abatimento natural de terras, o qual, tudo indica, poderia ser contemporâneo do povoamento humano da pré-história, estando também implicado na retirada dos numerosos braços de mar que por ali se enredavam em época recuada. Não pode ser esquecido que um horizonte pré-histórico da região, situado abaixo das areias redistribuídas, se formou, tal como os concheiros, em terra seca.

Assim, e de acordo com os geólogos que conosco colaboraram nestas leituras⁽¹⁾, os morros de Kitala e possivelmente os cabeços elevados do Morro da Cruz, podem ter sido ilhas, o que nos é de algum modo confirmado pelo percurso das cotas baixas que, passando pelo Benfica, torneiam os morros dando-lhes a volta, e correm pelos locais conhecidos pelos nomes de Rio Benfica, Lagoa do Jaçaré, Rio Kakalambolo (entre Kitala e Kamabangas), apresentando todos eles, depósitos de conchas marinhas (na ocorrência e principalmente *Senilia Senilis*).

As areias vermelhas (Redistribuídas IIb) repousam sobre uma fina camada de cascalheira de rochas diversas caracterizada principalmente pelo quartzo e sílex, basaltos, obsidianas e alguns calhaus de gnaiss e com zonas de laterite. Aqui e ali, principalmente nas baixas litorais despontam camadas de areia branca do Mioceno desnudadas da argila que geralmente a cobre por ali.

2 — As areias redistribuídas nas zonas dos concheiros aparecem sempre divididas em três camadas estratigráficas bastante bem definidas: as areias pardas de superfície, as areias castanhas dos concheiros e as areias vermelhas que parece separarem o primeiro do segundo milénio, a valer pelo material encontrado acima e abaixo delas. Note-se que esta classificação é puramente arqueológica porque geologicamente trata-se sempre da mesma camada. A diversidade cromática dessas camadas decorre do lixo e humus do contexto dos concheiros, como das raízes actuais da flora de savana que cobre a região (hoje muito empobrecida), sendo lamentável que não nos tenha sido possível fazer análises de pólen nessas subcamadas.

II — O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

1 — Em toda esta região lagunar pode-se notar, portanto, a presença de concheiros artificiais, caracterizados por conchas de ostras ou de «mabangas» (*urca senilis*), ou pelas duas espécies juntas conforme os lugares, com visíveis sinais de utilização humana. Os mais conhecidos antes do início dos nossos trabalhos, eram os de Benfica, onde o Prof. Santos Júnior e o nosso compatriota e amigo Dr. Ervedosa tinham pesquisado; Kitala, muito visível da estrada, a qual por volta de 1970 escavou um fosso que destruiu uma parte do concheiro e onde Santos Júnior e Ervedosa fizeram uma sondagem; Palmeirinhas, referida entre outros por Desmond Clark, que não foi no entanto escavada sistematicamente.

⁽¹⁾ Engenheiros Luís Carlos (português), da Universidade Agostinho Neto, e Masson (francês), da Empresa Petrolífera Petrangol.

Com os nossos reconhecimentos na zona, ponde-se assinalar também o concheiro de Kamabangas⁽²⁾ (cuja pesquisa decorre ainda nesta data), o do Morro da Cruz e alguns afloramentos num declive elevado nos quilómetros 30 e 31, na borda das falésias a Oeste da estrada Luanda-Benguela. No fundo destas falésias foram recolhidas amostras de argila para análise e para experiência: esta experiência revelou a grande dificuldade para a modelagem em pasta devido ao excesso de gordura — ao passo que a cerâmica dos concheiros, em fragmentos de toda a espécie e tamanho, é particularmente pobre em matérias desgordurantes. As análises são apresentadas neste breve relatório, em anexo⁽³⁾. Neste mesmo sítio foi recolhida uma interessante «almofada» de argila amassada, quadrangular, lentiforme, com dois palmos de lado, que foi considerada mote de argila para transporte e utilização em oficinas de olaria, da época.

A situação destes concheiros, indo Sul para o Norte, pode ser listada da seguinte maneira: Palmeirinhas, Kamabangas, Kitala, quilómetro 30, Morro da Cruz e Benfica. Pode-se acrescentar, contudo, segundo a literatura bastante rara sobre o assunto, um concheiro na Praia da Samba na periferia da cidade de Luanda, e mesmo, sítios que se encontravam em plena cidade e que foram destruídos. Nada exclui também que a longa zona costeira entre as Palmeirinhas e o quilómetro 30 esteja igualmente povoada de concheiros nunca identificados, e portanto a hipótese de toda esta costa até às Palmeirinhas e mais (se nos lembrarmos dos coqueiros de Benguela e da sua semelhança com os de Luanda) ter sido habitada por núcleos coevos de uma etnia não identificada, continua de pé⁽⁴⁾. Infelizmente, não podemos aqui referir-nos melhor aos sítios das Palmeirinhas, quilómetro 30, nem aos concheiros da cidade, sobre os quais sabemos realmente muito pouco. Resta-nos pois, uma amostra bem mais modesta, da qual o sítio da Kitala, o mais estudado, vale como um índice que permite construir uma cadeia de indicadores significativos para toda a zona.

Convém notar que as datações feitas em Benfica, indicaram que há na zona uma camada superficial de apenas alguns centímetros (na Kitala e Kamabangas, as areias pardas), com vestígios de um *habitat* bastante moderno (século XIII — datação que não situa a referida camada que vem até hoje, mas apenas uma das suas idades) sobre um outro horizonte onde se localizou o século II da nossa era e onde jaz o concheiro principal. Santos Júnior e Ervedosa classificaram o Concheiro do

⁽²⁾ Provavelmente kwa-mabanga: «o do concheiro».

⁽³⁾ Sendo devidas à boa colaboração e à reconhecida competência do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

⁽⁴⁾ A hipótese sul-africana de um povoamento *strand-looper* necessita, é claro, de muito maior confirmação.

Benfica por esse nível, como pertencente à Idade do Ferro, devido aos materiais encontrados (cerâmica dita «Bantu», escória de ferro), assim como o da Kitala, este por datação relativa ⁽⁵⁾.

Por outro lado parece-nos útil mesmo, estabelecer uma escala de sítios segundo a sua cota, que teria o seguinte aspecto:

Morro da Cruz — cerca de 0 m;

Benfica — aproximadamente 11 m;

Kitala I — cerca de 50 m;

Kamabangas I — pelos 57 m;

Kitala II — entre 64 m e 70 m.

2 — Os sítios que estão a ser actualmente escavados (Kitala I, Kamabangas e Kitala II), encontram-se no cimo de duas colinas que se levantam a Este da estrada que vai para o Sul, a mais de 1 km do mar, ao contrário do Benfica e Morro da Cruz que estão praticamente na beira-mar. Aquelas estações ocupam portanto duas elevações que formam um vale, onde se encontra facilmente restos de fauna marinha, e ao fundo do qual corre uma ribeira (seca durante o verão) que não pode ter séria responsabilidade na baixa cota do seu leito.

3 — A combinação de todos estes elementos apontaria para uma cronologia de povoamento humano (mesmo que periódico e não efectivo) que teria o seguinte caminho:

Kitala II, Kitala I, Kamabangas, Benfica e Morro da Cruz.

Desse modo o Povoamento humano de pescadores de moluscos que foram estes habitantes, teria acompanhado a descida da vertente Oeste do planalto, que acompanha por sua vez a «descida» muito rápida do mar face à desastrosa topografia das lagunas e das correntes que correspondem à chamada Falha de Luanda, do fundo costeiro do Atlântico, fenómeno que ainda é visível nos nossos dias, ano após ano.

⁽⁵⁾ No curso das actuais escavações encontramos materiais semelhantes — o mesmo tipo de cerâmica e objectos em ferro — assim como duas datas nas duas camadas referidas: uma do século VIII da nossa Era, no concheiro (em Kitala II) e outra do século XII, à superfície (em Kamabangas).

4 — Se a estação de Benfica podesse ser classificada como sítio da «Idade do Ferro», as estações de Kitala e Kamabangas, como já se disse, vieram confirmar de algum modo essa conclusão. Mas ao mesmo tempo, embora sem horizonte definido, porque recolhida à superfície das faldas que descem para o vale já referido, foi possível reunir uma colecção de instrumentos líticos, caracterizados principalmente por micrólitos em quartzo, lâminas e núcleos em sílex e alguns outros instrumentos mais frustes e maiores, do tipo Chopper e Chopping-tool, dando ao conjunto uma traça tchitolense ou pelo menos da *última Idade da Pedra*.

No Benfica, a indústria lítica recolhida igualmente fora do concheiro, parece apontar para um Lupembo-tchitolense, portanto, a época anterior.

De todos os modos nem no Benfica nem em Kitala e Kamabangas, a indústria lítica apareceu associada as concheiros, mas em geral *sob* os concheiros, mais ou menos bem situada ou então em afloramentos erudidos e portanto estatigraficamente mal definida.

III — AS ESCAVAÇÕES

1 — A Estação Arqueológica de Kitala e Kamabangas, situa-se pois principalmente sobre os dois morros que delimitam o vale do chamado Rio Kakolambolo que atravessa a estrada já referida e desemboca no mar (quando leva água, o que quase nunca acontece nem na época da chuva), entre os quilómetros 31 (Kitala) e 32 (Kamabangas), com algumas sondagens por outros lugares.

Nesta data a Kitala está já dividida em áreas, estas por sua vez repartindo-se por zonas onde foram estabelecidas as quadrículas e onde se fizeram escavações sistemáticas, como se segue:

Kitala I — a borda dos taludes da estrada que fura o morro, no declive suave que corre para a falésia. É a área mais rica em material, e tem o concheiro mais denso, que chega a atingir uma espessura de 50 cm sobre uma extensão enorme.

Aqui se situaram escavações em Kitala I-A, com 36 m², a Este da estrada, e Kitala I-C, com 15 m², do mesmo lado, exactamente à beira da estrada.

A zona de Kitala I-B, do outro lado da estrada, foi finalmente abandonada por não revelar algum, apesar dos seus 10 m² de superfície escavada.

Sondagem Ervedosa a norte e a poucos metros de Kitala I tem cerca de 2 m² e é muito interessante pelos materiais que revelou, que se encontram publicadas na obra de Carlos Ervedosa, *Arqueologia Angolana*. Foi esta sondagem que nos forneceu a pista das conchas trabalhadas como pérolas de colar, que reapareceram noutras zonas, principalmente Kitala II, não nessa qualidade mas sim como aquilo a que provisoriamente chamamos, com algum risco, «moeda arcaica».

Em todas estas zonas procedeu-se à descapagem do concheiro atingindo-se profundidades nunca superiores a 1 m.

Kitala II — espalhada pelo cabeço do morro, debruça-se também sobre a encosta que desce para o vale do Kakolambolo, compreendendo várias zonas separadas umas das outras, de modo a cobrir esse cabeço com um mínimo de significância. Aqui o concheiro é mais esparço, mais raro, talvez mais antigo, mas também com maior variedade de materiais.

Kitala II-A com 8 m² de superfície.

Kitala II-B com 14 m² de extensão, em ângulo recto, é a zona de onde foi extraída a amostra para datação (um pedaço de mel no fundo de um vaso).

Kitala II-C com 2 m² de superfície.

Kitala II-D também com 2 m².

Kitala II-E com 4 m² de superfície e mais de 3 m de profundidade.

Trata-se de um corte estratigráfico, praticamente colocado na crista entre o canço do morro e o declive para o vale, que tinha por objectivo estabelecer a ligação entre o horizonte do concheiro e o horizonte do later Stone Age que se revelava à superfície, rolando por aquele declive.

São portanto aproximadamente 83 m² de área escavada ao longo de vários meses, sobre o sítio da Kitala.

Kamabangas (designada nos registos por Kamabangas I-A), tem 39 m², e é situada ao longo de uma valeta artificial, que tinha posto a nu o concheiro. É o sítio mais rico em material cerâmico e não só, com grandes problemas de definição estatigráfica, devido à presença de uma camada remexida, com todas as idades, inclusive cerâmica holandesa e inglesa do século XIX, misturada com indústria lítica local.

Se a camada remexida não tem mais um valor espectacular, as camadas estratigráficas que se podem contudo detectar aí⁽⁶⁾, são particularmente eloquentes, apresentando materiais de ferro, cerâmicas muito sofisticadas, e carvões (com uma datação, inclusive) de um *foyer de cozinha*, pertencentes a uma árvore florestal de grande porte⁽⁷⁾ que de modo algum exoste hoje na zona (se é que já lá existiu ...).

Há pois, um total de 122 m² de escavação em Kitala e Kamabangas, que decorrem ao longo de quatro a cinco meses, com a colaboração muito activa e inteligente dos nossos estagiários, Barros Cristóvão e Malundama Fernandes, assim como de mais um grupo de jovens que oscilava entre duas e três pessoas, dez pessoas nos raros momentos mais altos. Durante os trabalhos tivemos a satisfação de receber a visita do Professor Pierre de Maret, que visitou demoradamente o sítio e observou

⁽⁶⁾ Ver cortes estratigráficos de Kamabangas.

⁽⁷⁾ Ver «Análises», em anexo.

os materiais encontrados, assim como de colegas angolanos e estrangeiros, amigos a quem ficamos a dever opiniões e conselhos por vezes inestimáveis.

IV — OBJECTIVO DAS ESCAVAÇÕES

Em Kitala I pretendeu-se explorar os horizontes moderno (superficial) e do concheiro com o fim de se estabelecer datas e comparações, visto que a sua estratigrafia é bem clara.

Em Kitala II apenas sondagens desenhando uma rede de quadrículas separadas por cerca de 50 m uma das outras, de modo a ocupar o melhor do plateau arqueológico, com o fim de investigar o *habitat* dos homens comedores de conchas, visto que esse concheiro é apenas uma enorme lixeira desses homens que viviam por aí ou em certas épocas do ano, vindos do interior, ou em aldeamentos mais fixos. Não se encontram vestígios desses aldeamentos.

Em Kamabangas a escavação confirmaria a existência de uma civilização lagunar. Ela forneceu a possibilidade de um estudo mais aprofundado da cerâmica, permitindo admitir a existência de dois níveis de refinamento ou acabamento dessa indústria, que podem ser de fabricação local, um nível fruste, de cerâmica doméstica, e outro mais especializado. Procuravam-se também elementos mais eloquentes da Idade do Ferro pressuposta, que, de facto, foram encontrados.

V — MATERIAL ARQUEOLÓGICO

(descrição sumária)

1 — No Benfica uma breve recolha num dos cortes depois de regularizado, não faz senão confirmar o trabalho de Santos Júnior e Carlos Ervedosa, revelando numerosas conchas de *mabangas*, alguns fragmentos de cerâmica bantu⁽⁸⁾, ossadas de mamíferos (até mesmo de uma zebra que não existe agora na fauna local), indústria lítica — em geral fora do contexto — e escórias de ferro.

Na Kitala I, «sondagem Ervedosa» — mais uma vez se confirmou as pesquisas já ali feitas anteriormente, sendo de notar que há, em qualidade, substanciais diferenças entre esta zona e o resto de toda a Kitala. Os materiais encontrados na nossa recolha de superfície, sobre uma quadrícula ligeiramente descapada, são do mesmo tipo que os que foram encontrados e fotografados por Santos Júnior e

⁽⁸⁾ Passe a imprecisão do termo ...

Ervedosa. Há que ressaltar o elevado interesse de conchas milimétricas e bem arredondadas por ficção com um orifício ao meio que podem ser consideradas pérolas de colar. Em mais nenhum lugar de toda a estação de Kitala e Kamabangas, as conchas trabalhadas apresentam o mesmo orifício, fazendo pensar que perderam a função decorativa de colar para se transformarem em valor de troca, fenómeno bem conhecido da arqueologia africana e não só.

Na Kitala I — vastos depósitos de *arcasenilis*, a maior parte apresentando uma fractura no vértice, dando lugar a um tosco orifício, o que parece ser o resultado da maneira de as abrir por percussão, tal como fazem ainda hoje as mulheres da ilha de Luanda. Numerosos fragmentos de cerâmica, por vezes um pouco fruste e espessa, feitos com uma massa de composição variável sobretudo na quantidade de ferro, alumínio ou magnésio, e muitas vezes cheia de mica, com alguns sinais de desgordurantes de matéria orgânica, situados nas duas camadas antrópicas superiores (areias pardas de superfície e concheiro). Ossadas, sobretudo ossículos e espinhas de peixe; fragmentos de concha trabalhados por fricção, segundo um certo número de modelos-tipo, como veremos adiante, que não são somente os modelos circulares, nenhuma delas com o orifício central das pérolas de colar.

Na Kitala II — as mesmas conchas da Kitala I, com o acréscimo de ostras (*strombolis* ...?), aqui e ali, principalmente na proximidade da vertente que desce para o vale, mas menos concentradas, espalhadas sobre um território mais vasto centenas de fragmentos de cerâmica, entre os quais a metade de um grande vaso campanular, com outro fragmento do fundo (achatado), que permitiram a reconstituição do vaso⁽⁹⁾ e a descoberta da sua extraordinária semelhança com um outro encontrado nas escavações do chamado Abrigo I da Ganda (do I século da N. E., segundo o Professor Victor Jorge), 600 km para sul da Kitala! Alguns fragmentos de vários pequenos vasos (do tamanho de uma laranja ou um pouco mais), que são normalmente considerados vasos rituais⁽¹⁰⁾. Restos alimentares

(⁹) Sendo portanto, o que chamamos fragmentos reconstituintes, ou seja, fragmentos que contêm partes de duas zonas contíguas do vaso, por exemplo, um colo com a calote superior do bojo (dita calote β , ou «calote de relançamento»), ou uma calote superior (β) com a calote inferior (α ou «calote de lançamento»).

(¹⁰) Um dos quais contendo mel que serviu de amostra para datação ao radiocarbono, no Centre des Faibles Radioactivités de Lion, em França, a quem agradecemos uma vez mais, com os seguintes resultados:

Kitala II-B = 720 $\pm$ $\approx$ 60 de N. E.

O resultado da análise de carvões obtido em Kamabangas, como datação do concheiro, é o seguinte:

Kamabangas = 1120 $\pm$ $\approx$ 60 da N. E.

em fundos de vasos que não puderam, infelizmente, ser analisados, ossos, carvões, um amontoado de cerca de 50 «pérolas» que nos permitiram construir uma hipótese e uma tipologia que as explicam melhor⁽¹¹⁾, e algumas conservadas dentro de um fragmento de cerâmica. Estas «pérolas» de conchas arredondadas e não furadas, variam de 3 mm a 20 mm na dimensão maior e fazem pensar numa «moeda arcaica». Na mesma zona recolheu-se uma pedra (um arenito), com uma superfície ligeiramente côncava e com sinais de rapagem, onde as conchas poderiam ter sido friccionadas até adquirirem a forma e tamanho desejados. Nesta mesma zona (Kitala II-A) foram encontrados pedaços de argila amassada e abandonada sem forma nem cozedura, um deles com um fragmento integrado. A zona B deu um fragmento muito fruste e sem cozedura, como trabalho de uma criança brincando com a massa.

Kamabangas (Kam-I-A) — depósito de *Arca Senilis* sob forma de camada não muito espessa, situada, como as outras, nas areias castanhas. Grande quantidade de ossos de mamíferos. Inúmeros fragmentos de uma cerâmica variada mas em geral mais sofisticada que as anteriores, com sinais de engobe vermelho; nesta colecção se incluem os dois vasos especiais, o vaso antropomorfo e o vaso de cosméticos ambos de excelente confecção, muito finos, provavelmente importados, assim como motes de argila amassada e sem cozedura nem desgordurantes, logo abandonados, um *foyer de cozinha* com carvões que foram submetidos a análises e datações, indicando o século XIII da N. E.⁽¹²⁾ e mostrando a presença de uma árvore florestal de grande porte⁽¹³⁾ — este resultado não é, contudo, muito concludente; essa madeira pode ter pertencido a um objecto importado e desactivado, transformado em lenha da fogueira. De facto o vaso antropomórfico, se tivéssemos de lhe encontrar um país de origem, em função do perfil actual da cerâmica, seria Cabinda. Bem integrado no concheiro apareceu também um peso de rede de pesca, muito deteriorado.

Recolhas de superfície — num contexto que se pode dizer anacrónico em relação aos concheiros, foram em geral recolhidos, além do material lítico já referido, mais de um milhar de fragmentos de cerâmica muito variada, incluindo belos cachimbos (principalmente em Kitala I-B, zona abandonada), pesos de rede de pesca, etc.

(¹¹) Ver anexo respectivo.

(¹²) Mais exactamente, 1120 $\pm$ 60 da N. E.

(¹³) Análises dos laboratórios do Museu Royal de Tervuren, em Bruxelas, que atribuiu também alguns ossos encontrados, a zebras e bovídeos.

2 — Aspectos gerais de cerâmica — tentou-se uma estatística das espessuras dos fragmentos de cerâmica (que são quase dois milhares) depois de se proceder à operação algo delicada de isolamento de vasos ⁽¹⁴⁾, juntando-se os outros fragmentos, a maior parte numa categoria designada *fragmentos singulares*, onde apareceram fragmentos com mais de 20 mm de espessura e outros com menos de 5 mm, significando pelo menos, vasos muito grandes, género silos, e vasos provavelmente pequenos. Na Kitala I-A, fez-se a comparação, numa amostra de 70 fragmentos, entre os fragmentos da camada superficial, *areias pardas*, e da camada do concheiro, verificando-se que os da primeira eram ligeiramente mais finos que os da segunda, à razão de pouco mais de 1 mm em média — o que não é muito expressivo — podendo ou não significar uma melhoria tecnológica (que tem, necessariamente, qualquer relação com a idade mais moderna da primeira camada).

Todos os fragmentos chamados *significativos* ⁽¹⁵⁾, foram tratados isto é reproduzidos em perfil com a técnica da plasticina ⁽¹⁶⁾. Os melhores fragmentos foram forografados ou desenhados ⁽¹⁷⁾, constituindo uma amostragem bastante expressiva. Alguns fragmentos permitiram reconstituições ⁽¹⁸⁾.

VI — HIPÓTESES HISTÓRICAS

1 — A maneira como as conchas estão dispostas em Kitala I, com a concavidade preponderantemente virada para baixo, parece mostrar que o mar tem algo a ver com a sua colocação. Tratando-se de lixeiras, isso poderia significar que os homens abandonavam os seus detritos inúteis à beira-mar, encarregando-se o mar

⁽¹⁴⁾ Ver anexo respectivo.

⁽¹⁵⁾ *Fragmentos significativos* — fragmentos de cerâmica com boa leitura por terem a capacidade de definir vários sistemas formais que concorrem para a classificação tipológica: são todos os fragmentos que possuem o lábio (bordo), com dimensão suficiente para a determinação da diâmetro da boca e tipo de lábio, ou um pedaço do fundo, ou decoração, etc.).

⁽¹⁶⁾ 1.º O fragmento é enterrado num paralelepípedo de plasticina, corta-se à lâmina uma superfície horizontal plana, ao nível da maior dimensão do fragmento, deixando um orifício com a forma exacta do seu perfil, com o qual, devidamente tintado, se carimba num papel, permitindo depois a reprodução acabada, em desenho decalcado. 2.º Procede-se ao posicionamento, isto é, inverte-se o fragmento (com o bordo assente em papel), até à posição correcta em que todo o bordo assenta. A inclinação do bordo em relação ao papel indica o ângulo do fragmento com a horizontal.

⁽¹⁷⁾ Ver anexos.

⁽¹⁸⁾ Com os estudos estatísticos dos perfis e dos fragmentos em geral, a colecção pode ser tratada estatisticamente, ou, pelo menos, quantitativamente, de forma a permitir, segundo um método do autor, estabelecer o perfil ceramista da estação. Ver a esse propósito, o livro ainda manuscrito do autor, *Cerâmica Angolana*.

nas suas subidas e descidas ou nas suas marés, de os colocar e formar o concheiro que agora nos oferecem as cotas altas. Assim a existência dos concheiros com tais características, parece mostrar que o *habitat* que os produziu estava, esteve sempre, à beira-mar, embora hoje esse lugar se encontre por vezes a 70 m de altura e a mais de 1 km da água.

É por isso, muito provável que, naquela época, e como já se disse, o vale do Kakolambolo, e não só, estivesse inundado pelo mar e não pelo ribeiro que ali passa.

A existência de jóias perfuradas, e também de «moedas» em concha trabalhada, evoluídas a ponto de se organizar uma tipologia de cinco formas/tamanhos, fala-nos de duas fases muito comuns em África da história desse elemento, a moeda e depois a jóia, mas parece também mostrar-nos uma cultura bem integrada no sistema ecológico local, perfeitamente adaptada ao meio ambiente, explorando as matérias-primas locais (até mesmo a argila), afastando algum tanto a hipótese de ocupações periódicas ou circunstanciais, ou de populações nómadas primitivas — onde é difícil imaginar uma economia de troca de «moeda» — como nos propõe uma certa arqueologia sul-africana com os seus «Strangloopers», os «Vagabundos da Costa», que ainda por cima não eram bantus, o que não se coaduna com a enorme quantidade de «cerâmica bantu» encontrada nas escavações. Assim, fragmentos de concha foram seleccionados, trabalhados, aperfeiçoados, furados, transformados em pérolas de colar, em Kitala I — sondagem Ervedosa — depois de terem perdido o seu valor de troca (em kitala II principalmente, de uma época, como julgamos, mais recuada).

É oportuno recordar que, séculos mais tarde, senão um milénio depois, sobre as ilhas de Luanda e Mussulo, corria uma moeda válida no Reino do Kongo e muito generalizada a uma larga zona de influência, o Nzimbo, uma concha univalve em búzio, de perfil afunilado, que lembra irresistivelmente algumas das formas da tipologia da «moeda» da Kitala ⁽¹⁹⁾.

Muito provavelmente estamos em face de populações locais, talvez de cultura ou de origem bantu [senão gente pertencente ao misterioso protobantu de que muito se fala sabendo-se pouco ⁽²⁰⁾], muito relacionada com as suas lagunas e cujas características ainda nos escapa.

O facto de os moluscos serem abertos com a ajuda de um instrumento de percussão e não pelo fogo, como se faz em muitos lugares, e por outro lado, a

⁽¹⁹⁾ Tipo F, ou seja, Gotifforme.

⁽²⁰⁾ Aqui sentimo-nos no dever de pedir desculpa por estarmos talvez, a contribuir para a confusão que acabamos de denunciar ...

incrível abundância de conchas em depósito na lixeira ⁽²¹⁾ sugere que a população coeva secavam os moluscos, em vez de os cozerem ou assarem. Possivelmente faziam troca com visitantes vindos do *interland*, a menos que os conservassem para levar de volta ao seu país, caso se trate de aqui de estacionamentos periódicos, o que parece pouco provável.

A descida progressiva do mar, como já se estabeleceu como hipótese, leva-nos também a admitir a deslocação do *habitat* para níveis cada vez mais baixos, até à falésia Oeste que cai em direcção à praia actual, senão mesmo até às ilhas de Luanda e Mussulo de hoje, onde uma população de pescadores continua a dedicar-se à apanha de moluscos.

Todos estes elementos que resultam da interpretação do facto arqueológico e do conhecimento da zona de Luanda, levam-nos, naturalmente a uma série de interrogações que se articulam como se segue:

Que relação de continuidade existe entre a moeda muiri arcaica de Kitala II em concha trabalhada, e o Zimbo das ilhas em face, tempos mais tarde, em concha inteira, recolhida e submetida também a uma tipologia a partir do tamanho e da cor, para significar valores diferentes?

Quem são estes pescadores de Luanda chamados «Axiluanda, de origem um pouco misteriosa mas onde é costume encontrar afinidades kikongo, sendo no entanto de língua kimbundo, e que pertenceram em tempos ao Reino do Kongo, constituindo o seu «Banco» ou a sua mina de moedas? ⁽²²⁾.

Que relação é que há entre o *habitat* da Kitala e de Kamabangas, muito antigo, com a versão mítica de um povoamento Kikongo da ilha de Mussulo, e com as populações actuais dessa ilha? Trata-se de uma população já de língua bantu ou de alguma outra que a precedeu, sendo-lhe aparentada, pelo menos tanto como a sua cerâmica?

⁽²¹⁾ Em Kitala I a camada do concheiro atinge 50 cm de espessura, sobre uma extensão de perto de 700 m trepando para Kitala II.

⁽²²⁾ O mito de Kandjapakala, recolhido por nós no Tabi, Município de Mbridje (Ambriz), em 1983, pretende que a ilha de Mussulo, foi povoada por aquele chefe militar do Reino do Kongo em missão de expansão do Reino e de contacto com um «Ngola Kiluanje», antes que esses contactos viessem a ser efectivos, por isso antes da etapa colonial, e da chegada dos portugueses. O mito refere que esse povoamento foi feito por meios mágicos a partir da costa ao norte do Bengo, num sítio chamado hoje Mussul, habitado hoje por Bassorongos (da etnia Kongo, diz-se).

Será que a ilha de Mussulo existia na época da Kitala (o que é francamente duvidoso ...) e se existia, que populações tinha? que herança cultural e étnica deixou aos habitantes actuais?

ANEXO I

Algumas análises químicas (a)

Sítios	Número	Objecto / estudo	Percentagem de componentes						
Peças		Localização	P. R.	SiO ₂	Fe ₂ O ₃	Al ₂ O ₃	CuO	MgO	SO ₃
Kitala III (barrocas)	1	Mote de argila virg.	3,6	73,96	13,54	5,64	0,54	0,58	0,08
	2	«Almofada» de argila	6,3	74,52	2,88	10,07	2,30	1,16	0,52
Kitala II-B	3	Areias vermelhas	2,5	91,49	0,67	3,28	1,35	0,58	0,65
II-A	4	Areias castanhas	1,2	92,50	0,70	3,43	—	0,39	0,65
II-A	5	Areias pardas	1,3	91,94	1,10	3,88	—	0,77	0,22
Vaso n.º 16	6	Nas areias pardas	2,8	65,23	5,09	—	2,24	3,42	0,37
Vaso n.º 18	7	Engrossamento da base	4,9	65,69	5,48	15,16	1,54	5,64	0,21
Vaso n.º 19 antropomorfo	8	Massa (rija, polida)	—	68,69	2,50	14,92	1,12	1,41	—
Vaso n.º 21	9	Englobe exterior	7,3	62,00	1,27	14,96	1,12	2,62	0,38
Vaso n.º 24 fragm. escuro	10	Mancha de englobe (?) gordura alimentar (?)	7,9	61,08	5,88	14,68	3,08	3,43	—
Vaso n.º 26	11	Pasta semelhante 8	—	63,76	6,49	14,56	1,96	3,13	—
Vaso n.º 39	12	Patine interior grd.	4,5	68,19	5,23	12,44	1,95	2,86	0,26
Vaso n.º 74	13	Com muita mica	6,8	56,99	7,47	—	0,69	4,33	0,27

(a) Devidas à boa vontade e competência do Laboratório de Engenharia Civil.

BREVE COMENTÁRIO

As presentes análises são apenas uma pequena amostra, sem qualquer valor estatístico — mas com um mínimo de significância —, dedicada principalmente à composição química das argilas em jazida, lá onde ela foi detectada e que não são os únicos afloramentos, nesta vasta região da Baía do Mussolo, assim como da pasta de alguns vasos mais elaborados, ou seleccionados por um qualquer dos seus aspectos originais nessa matéria.

O objecto das análises era pois, o de detectar a semelhança dessas argilas com esta pasta, e acreditar assim que a cerâmica observada poderia ser de fabricação local, ou, pelo contrário, descobrir a dissimelhança entre argilas e pastas, rejeitando-se então a hipótese de uma indústria local de olaria de certa importância. É evidente, que nenhuma das alternativas exclui definitivamente o facto da fabricação local da cerâmica doméstica, que seria feita talvez pelas mulheres dos diferentes *habitats*, com o seu aspecto fruste e grosso, e que nada tem a ver com os vasos que seleccionamos para análise.

Assim, se é bastante diferente a composição química das argilas do fundo das barrocas em Kitala III (quilómetro 30 — amostra 1), do dia «almofada» para transporte, principalmente na P. R. (perda ao rubro) — em geral indicador de matérias orgânicas) e no teor de óxidos de ferro e de alumínio, a semelhança entre esta «almofada» e a maior parte dos vasos seleccionados, é também evidente, se não na percentagem de óxidos de ferro, pelo menos nos dos alúminios e do P. R.

A elevada perda ao rubro da «almofada» que se reencontra nos vasos, parece indicar a existência de matérias orgânicas que talvez não se encontrassem na argila em jazida, e que poderiam ter sido acrescentadas como desgordurantes.

Em suma, estas análises, embora não resolutamente concludentes, parecem concordar com qualquer forma química de identidade entre a pasta dos vasos seleccionados e a argila da região, pelo menos nos afloramentos donde teria sido extraída a «almofada». Por isso não se deve excluir a hipótese de uma indústria local fora do âmbito doméstico, portanto à base de artesanato organizado, o que por sua vez de modo algum exclui as outras hipóteses que falam de cerâmica eventualmente importada.

ANEXO II

Densidade topográfica de alguns materiais

Kitala I-A — Camada de superfície

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
2	—	—	1	—	—	—
6	1	—	5	—	—	—
19	1	—	—	—	—	—
20	1	—	1	—	—	—
21	1	—	—	—	—	—
25	—	—	1	—	—	—
26	—	—	9	—	—	—
30	1	—	—	—	—	—
31	—	—	3	—	—	—
32	—	—	2	—	—	2
33	1	—	5	—	—	—
Densidade/m²			2,4 fragmentos			

Kitala I-A — Camada do concheiro

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
1	—	—	3	—	—	—
2	2	—	1	—	—	—
3	1	3	1	—	—	2
5	—	4	8	—	—	—
6	1	2	—	—	—	—
11	—	—	4	—	—	—
13	—	—	1	—	—	1
15	—	—	3	—	—	—
17	—	1	5	—	—	1
19	—	1	3	—	—	—
22	—	—	1	—	—	—
23	—	1	3	—	—	2
24	—	4	—	—	—	—
26	—	2	8	—	—	—
28	—	—	2	—	—	—
29	1	1	7	—	—	—
31	1	1	—	—	—	1
34	—	2	3	—	—	1
35	—	1	11	—	—	—

Densidade/m² 3,3 fragmentos

Densidade média da cerâmica de Kitala I-A por metro quadrado: 2,8.

Kitala I-C - Camada de superfície

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
3	—	—	1	—	—	—
9	—	—	3	—	—	—
10	—	3	—	—	—	—
11	4	1	—	—	—	1
14	—	1	2	—	—	—
15	—	—	9	—	—	—

Densidade/m² 2,5 fragmentos

Kitala I-C — Camada do concheiro

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
3	—	—	11	—	—	—
4	—	2	9	—	—	8
(a) 5	3	13	11	5	—	1
8	—	3	8	1	—	—
9	—	8	7	—	—	—
10	—	3	6	—	—	—
11	1	—	1	3	—	1
14	1	—	—	2	—	—
15	—	3	1	—	—	—

Densidade/m² 6,0 fragmentos

(a) Un foyer de cozinha situa-se sobre os Q4,Q5,Q8,Q9, aumentando naturalmente a densidade de materiais.

Densidade média da cerâmica de Kitala I-C por metro quadrado: 4,2.

Kitala II-A — Camada de superfície

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
1	—	—	6	—	—	—

Densidade/m² 6,0 fragmentos (sem expressão)

Kitala II-A — Camada do concheiro

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
3	—	—	3	—	—	1
10	—	3	5	—	—	—
12	—	1	2	—	—	—

Densidade/m² 3,3 fragmentos (sem expressão)

Kitala II-B — Camada de superfície

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
2	—	—	5	2	—	—
Densidade/m ² 2,0 fragmentos (sem expressão)						

Kitala II-B — Camada das areias castanhas

Trata-se da camada do concheiro, mas nesta zona, o concheiro dispersa-se e desaparece, deixando alguns vestígios.

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
1	1	1	3	—	—	—
2	1	1	19	17	—	2
3	—	1	2	—	—	—
4	1	4	13	9	—	1
19	—	—	4	—	—	—
23	—	—	1	1	—	1
24	—	—	2	—	—	—
25	—	—	8	—	—	(a) 1
26	—	—	2	—	—	1
27	2	2	7	6	—	2
28	1	—	—	1	—	—
Densidade/m ² 5,5 fragmentos						

(a) Mel cristalizado, que serviu para a análise ao radiocarbono.

Kitala II-C — Camada de areias pardas (superfície)

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
3	—	—	5	—	—	—
Densidade/m ² 5,0 fragmentos (sem expressão)						

Kitala II-C — Camadas de areias castanhas (nível do concheiro)

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
1	1	4	6	—	—	—
Densidade/m ² 6,0 fragmentos (sem expressão)						

Kitala II-E — Nível lítico escavado em socacos encosta abaixo (ver corte respectivo em anexo)

Quadrícula Número	Material		
	Microlítos	Cerâmica	Moedas
15	14	—	—
17	4	—	—
18	8	—	—
19	17	(a) 1	—
20	26	—	—
21	15	—	(a) 1
Densidade/m ² 14,0			

(a) Infiltrada da camada superior.

(b) Infiltrada da camada inferior.

Kamabangas I-A — Camada de superfície

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
1	2	—	1	—	—	—
4	1	1	1	—	—	—
7	—	—	1	—	—	—
10	1	—	—	—	—	—
16	—	—	2	—	—	—
19	1	1	3	7	—	—
21	2	2	6	—	—	11
22	—	—	1	4	—	—
24	—	—	1	—	—	—
25	1	—	5	1	—	—
31	—	—	—	11	—	—
34	—	—	12	3	—	—
39	—	—	2	4	4	—
41	—	—	2	6	—	—
42	1	1	2	—	—	1
Densidade/m²			2,6 — 2,4			

Kamabangas I-A - Camada do Concheiro

Quadrícula Número	Material					
	Carvão	Osso / espin.	Cerâmica	«Moeda»	Ferro	Outras
1	—	1	6	—	—	3
3	—	—	8	—	—	2
4	—	8	10	—	—	—
6	—	—	2	—	—	—
7	1	3	21	—	—	2
9	1	4	10	—	—	—
10	1	—	5	—	—	1
12	3	3	9	—	1	6
13	2	—	3	—	—	2
15	2	1	2	1	—	3
16	1	4	11	2	—	2
18	—	4	1	—	—	—
19	1	4	9	5	—	—
21	—	2	32	—	—	4
22	—	1	27	14	4	—
24	1	1	3	18	—	—
25	2	—	21	1	—	—
28	1	1	4	2	—	—
31	5	2	32	—	—	—
34	1	2	55	5	—	1
37	—	—	118	4	—	2
40	6	—	9	4	—	1
43	—	2	73	—	—	—
46	—	—	34	—	—	1
(a) 49	1	—	34	1	—	2
49a	7	—	9	6	—	—
52	2	1	32	21	—	3
Densidade/m²			15,2			

(a) Nos Q49, Q49a e Q52, situa-se o mais importante *foyer de cozinha* que forneceu carvão para datação.

ANEXO III

Plantas das quadrículas

Kamabangas I-A

1	2	3
4	5	6
7	8	9
10	11	12
13	14	15
16	17	18
19		
22	+	+
25	+	+
28	+	+
31	+	+
34	+	+
47	+	+
40	+	+
43	+	+
46	+	+
49a	+	+
52	+	+

A valeta passa ao longo das quadrículas centrais.

Kitala I-A

31	32	33	34	35	36
25	26	27	28	29	30
19	20	21	22	23	24
13	14	15	16	17	18
7	8	9	10	11	12
1	2	3	4	5	6

S
+
N

Sondagem segundo C. Ervedosa:

Kitala I-C

15	14	13
10	11	12
9	8	7
4	5	6
3	2	1

Sondagem segundo C. Ervedosa

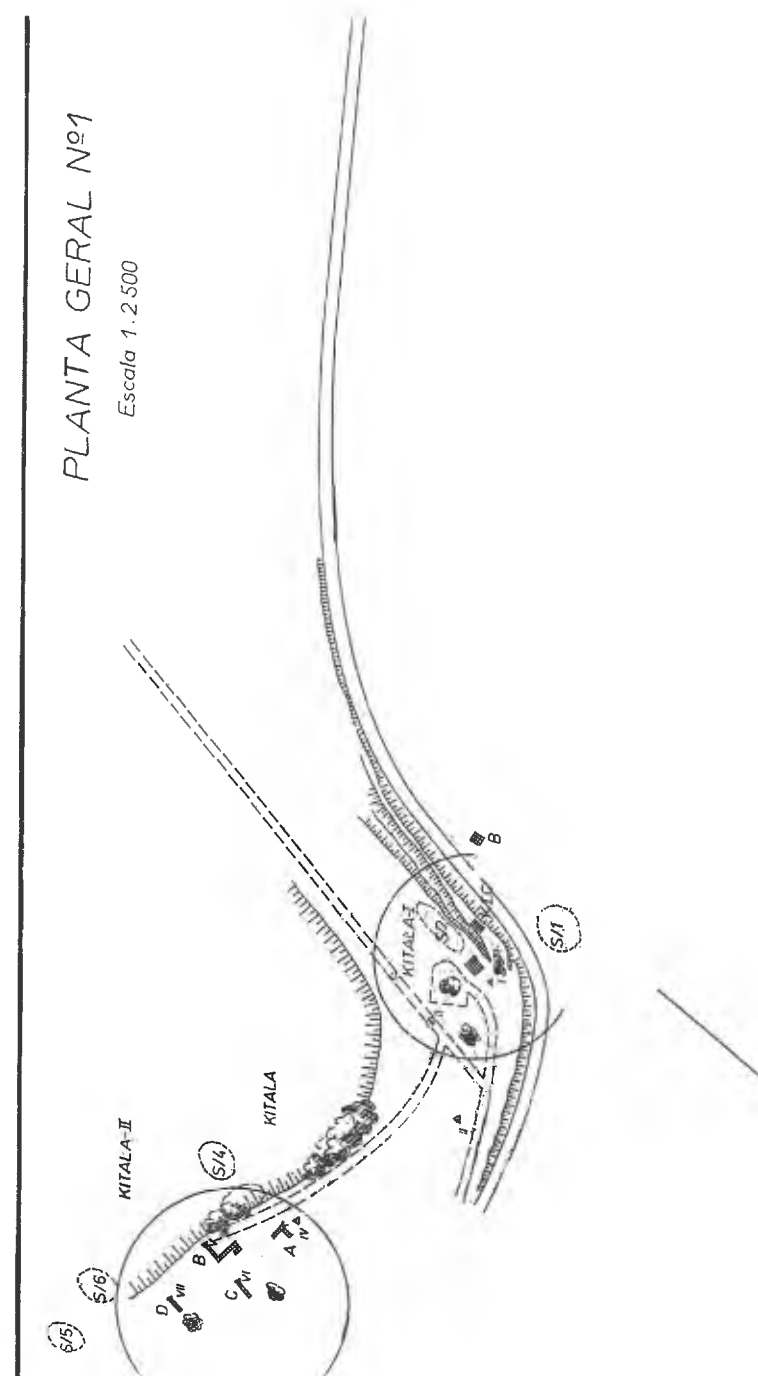
Kitala II-B

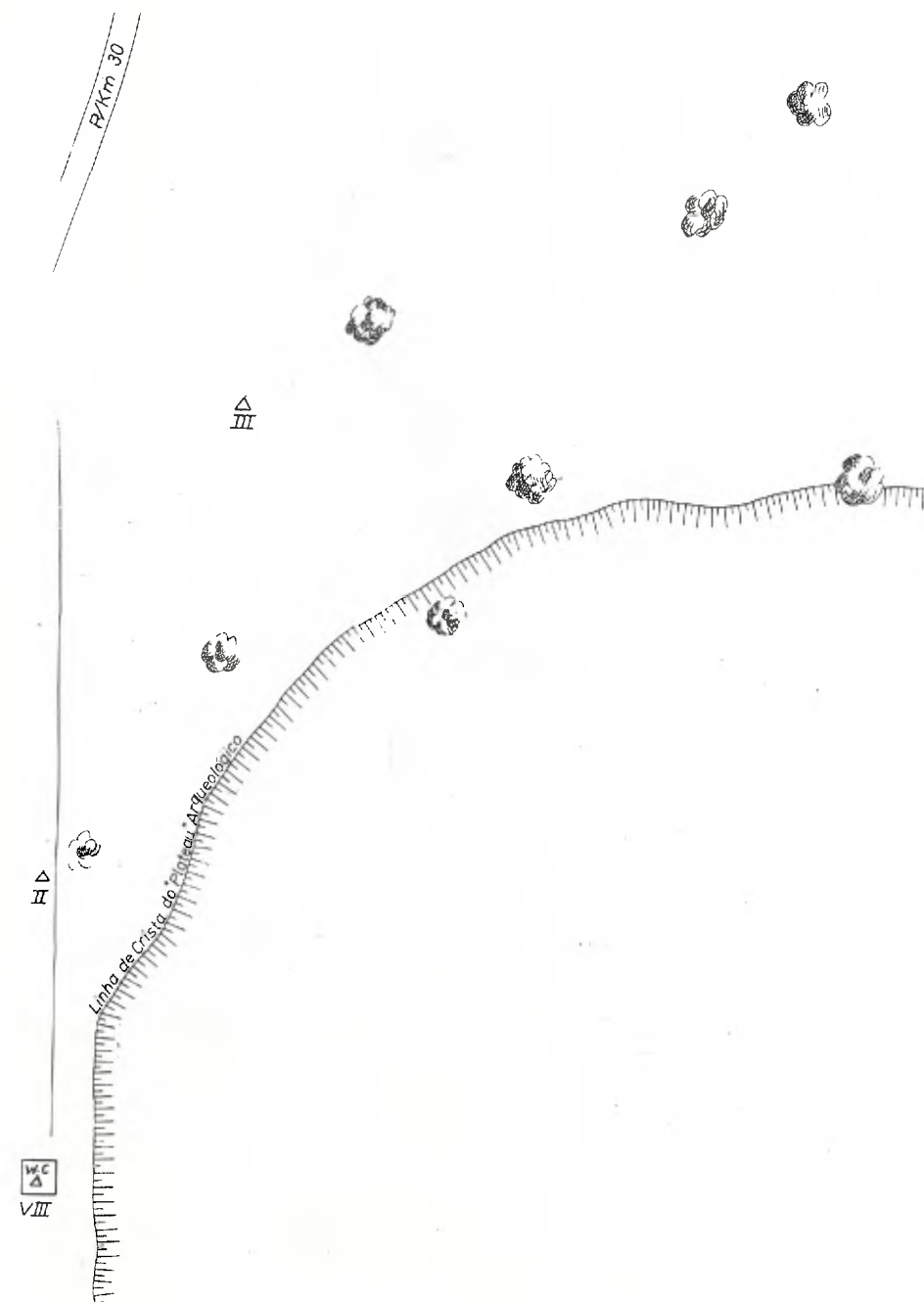
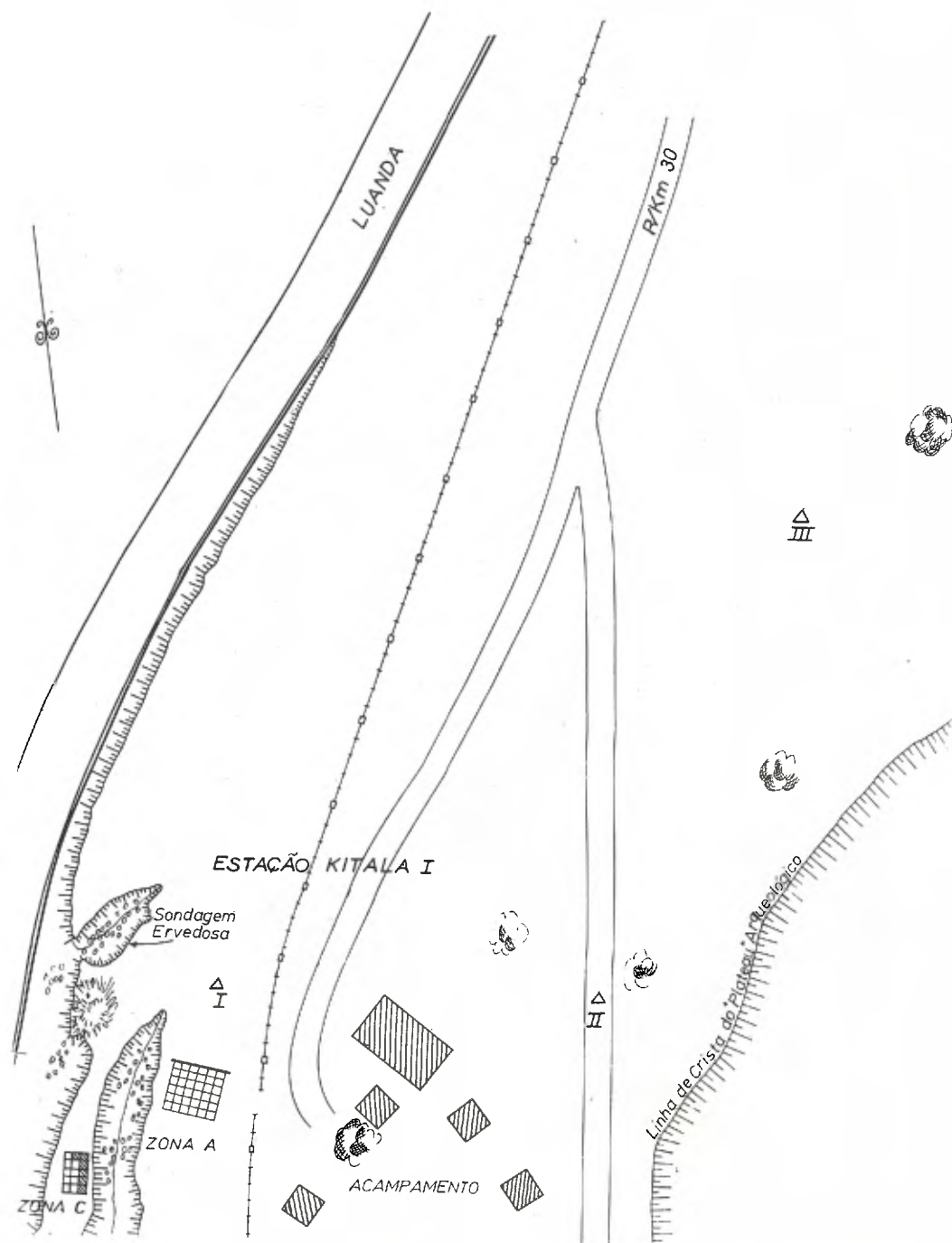
1
2
3
4
5
6
7
8
9
- - - - -
19
20
21
22
23
24
25
26
(a) 28
27

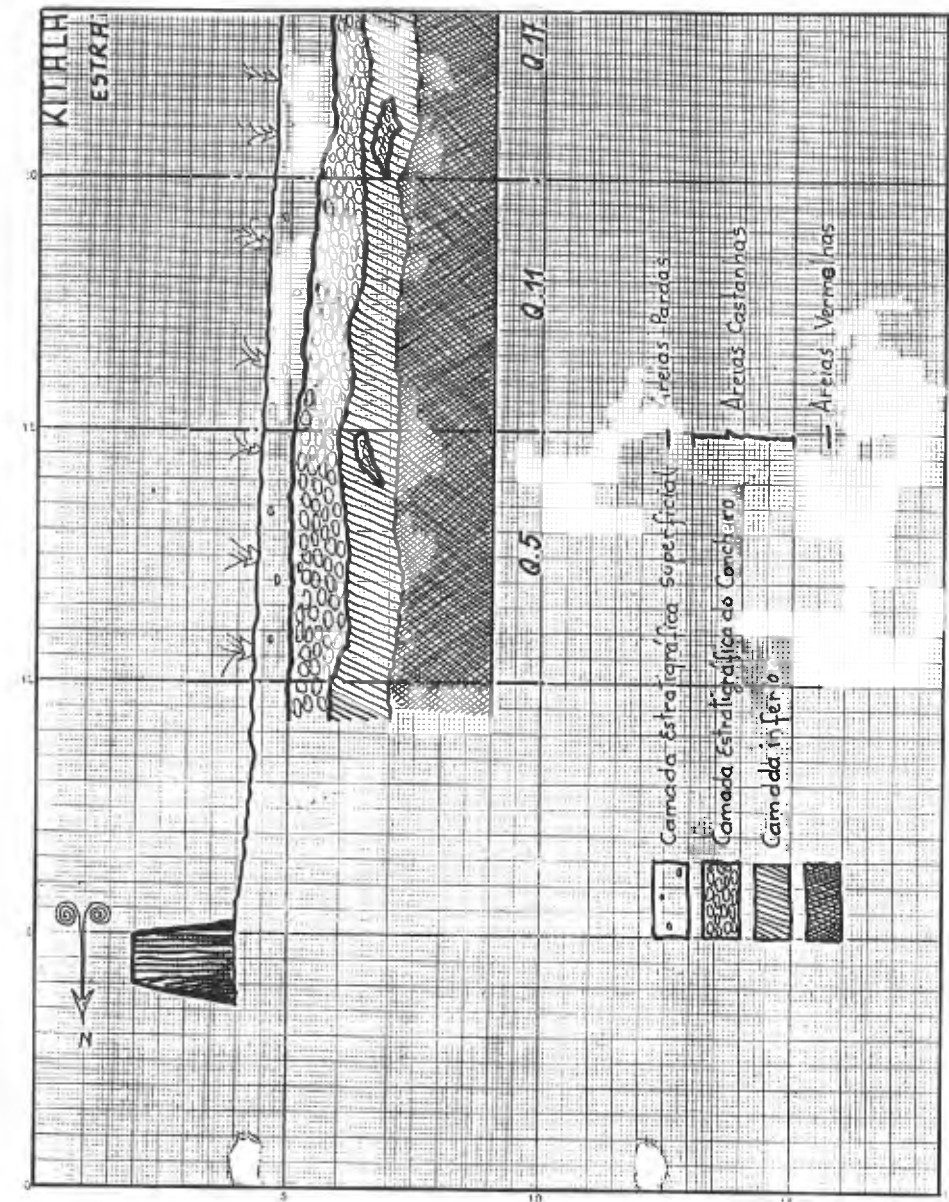
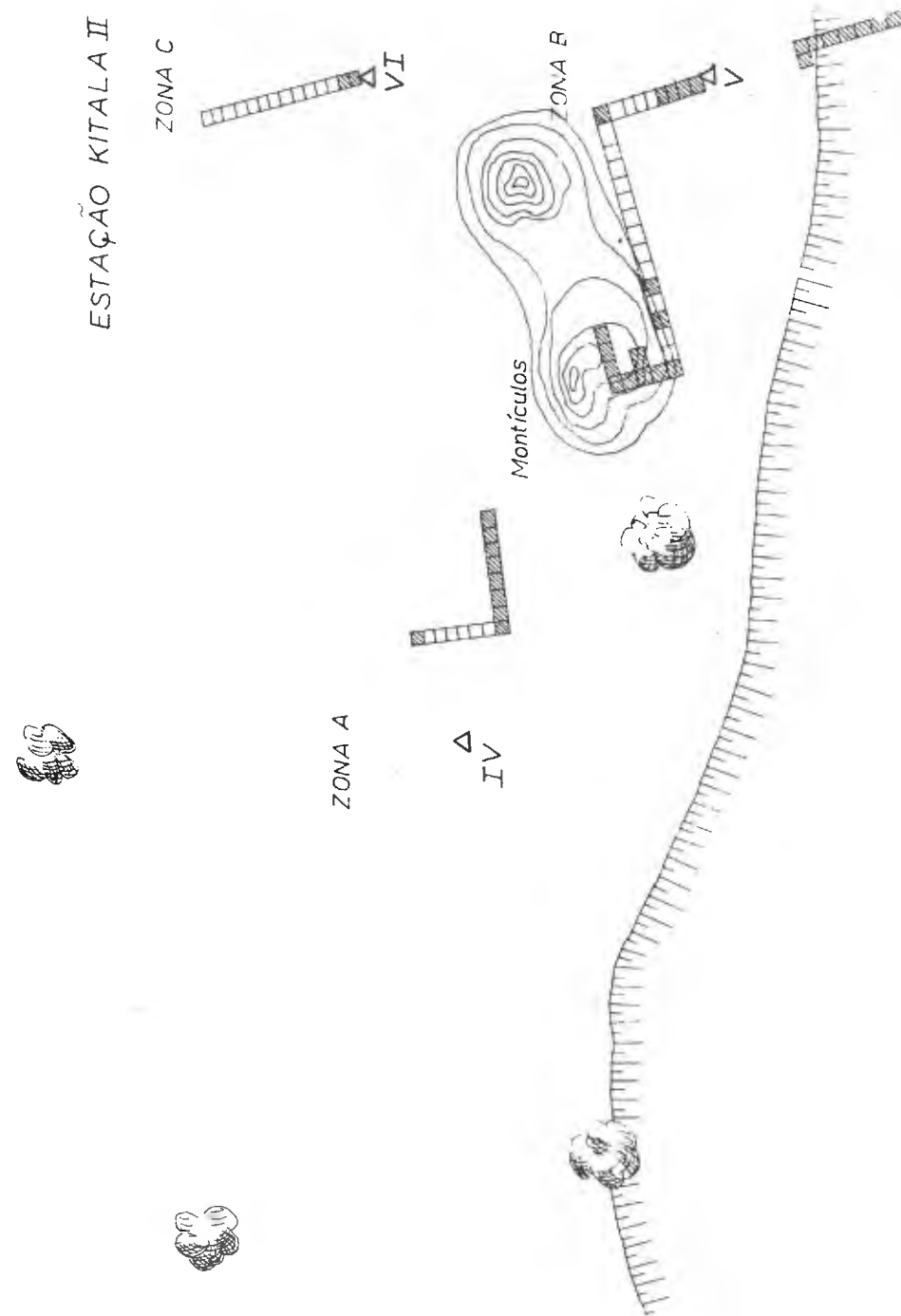
(a) Q24, 25, 26, 27 e 28 zona do montículo, onde se recolheu o mel para datação.

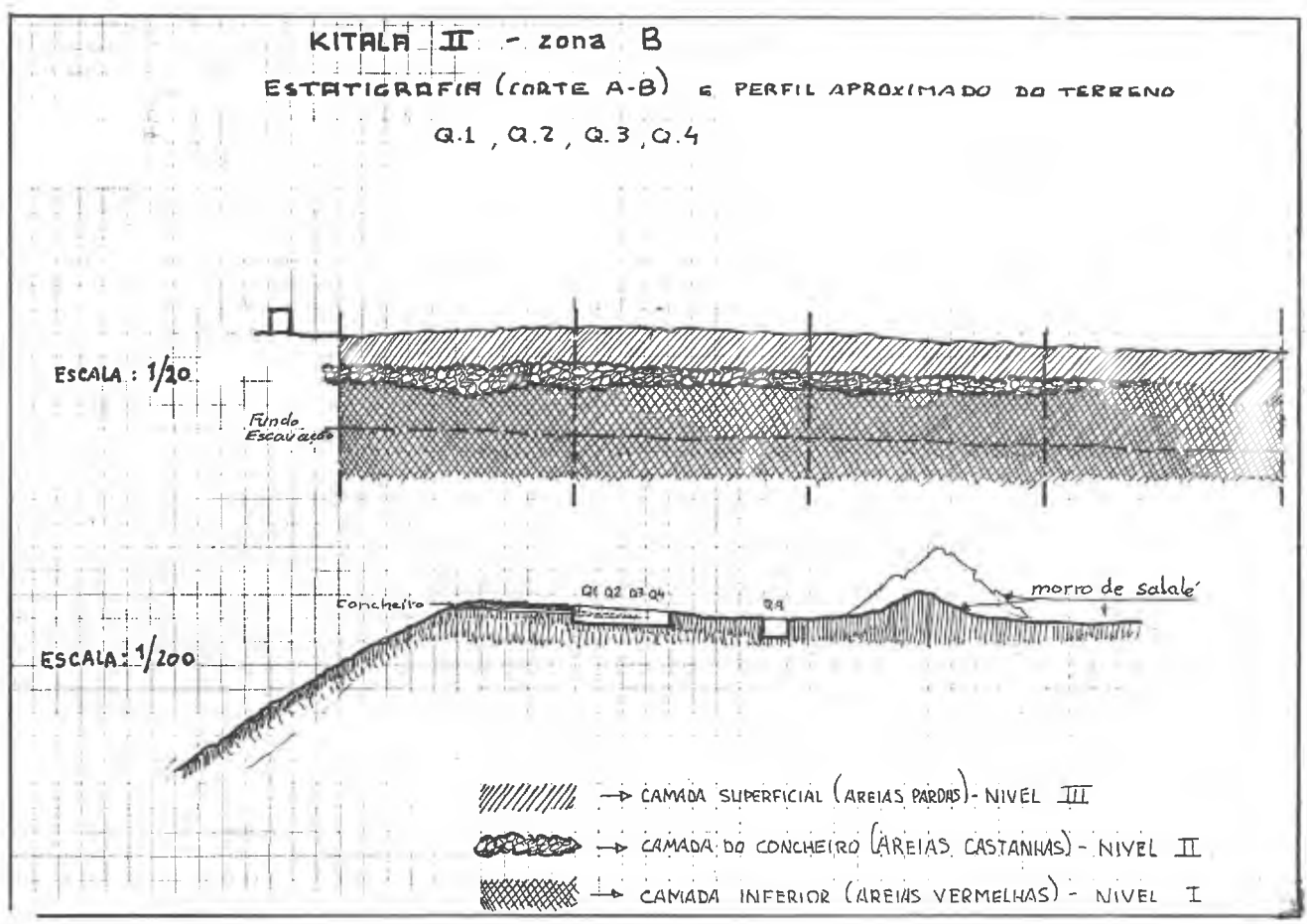
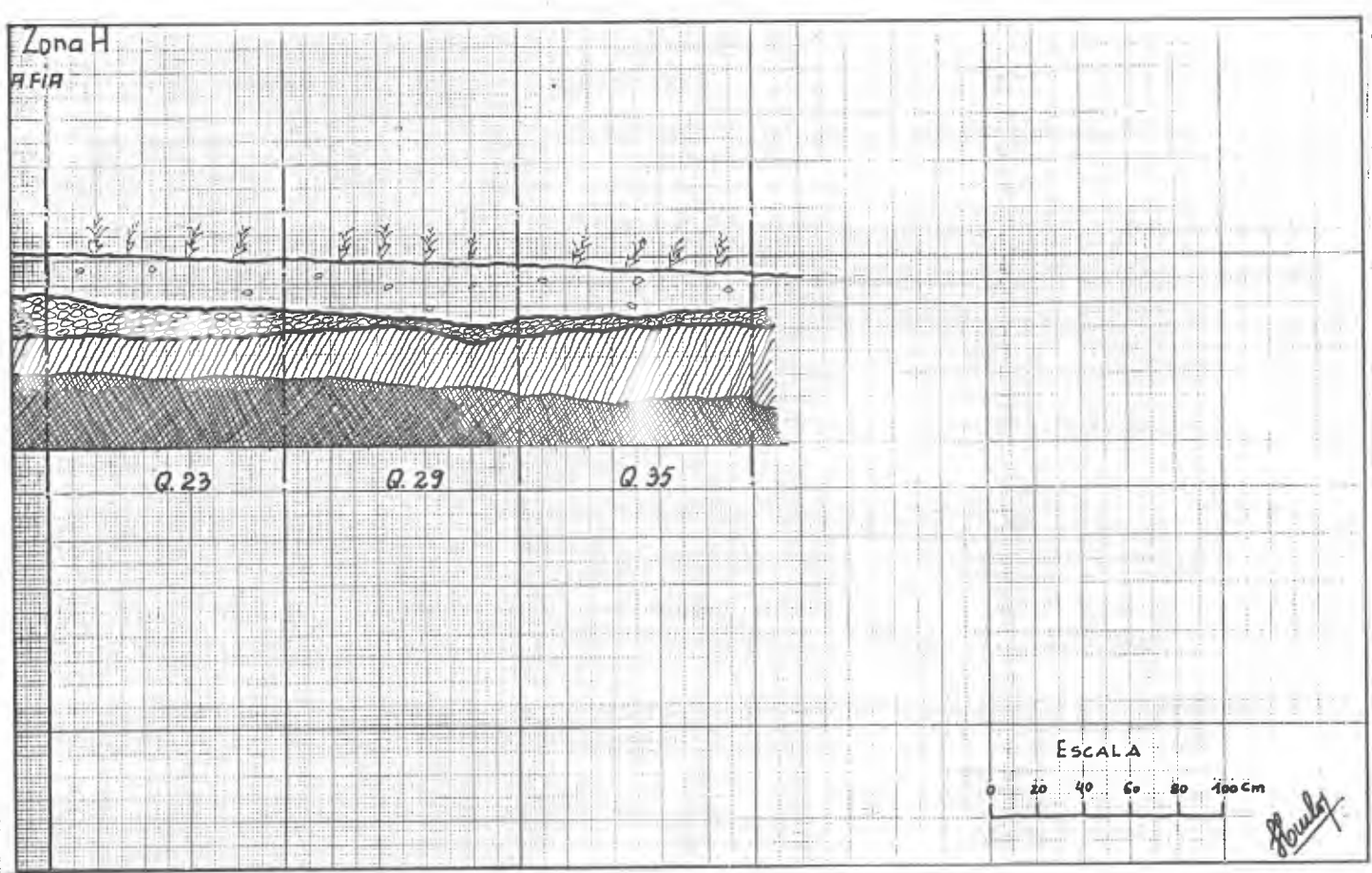
AGRADECIMENTOS

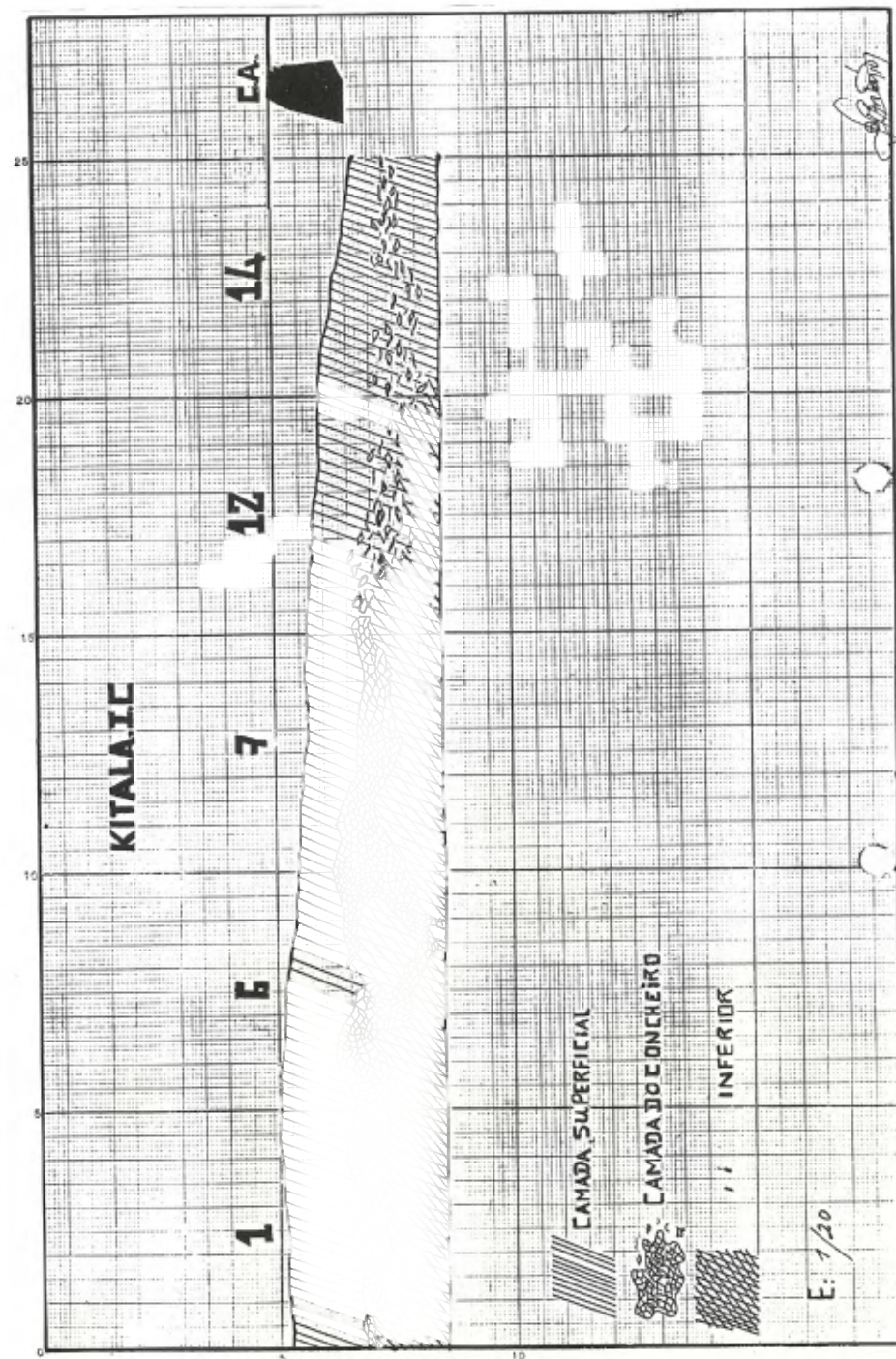
Com os meus agradecimentos ao Dr. Simão Souindoula, então meu jovem assistente, e que muito nos ajudou sobretudo nas consultas bibliográficas, e à Dr.^a Ana Paula Tavares, colega e amiga, que esteve comigo nas revisões e nos acabamentos deste texto e do material técnico.





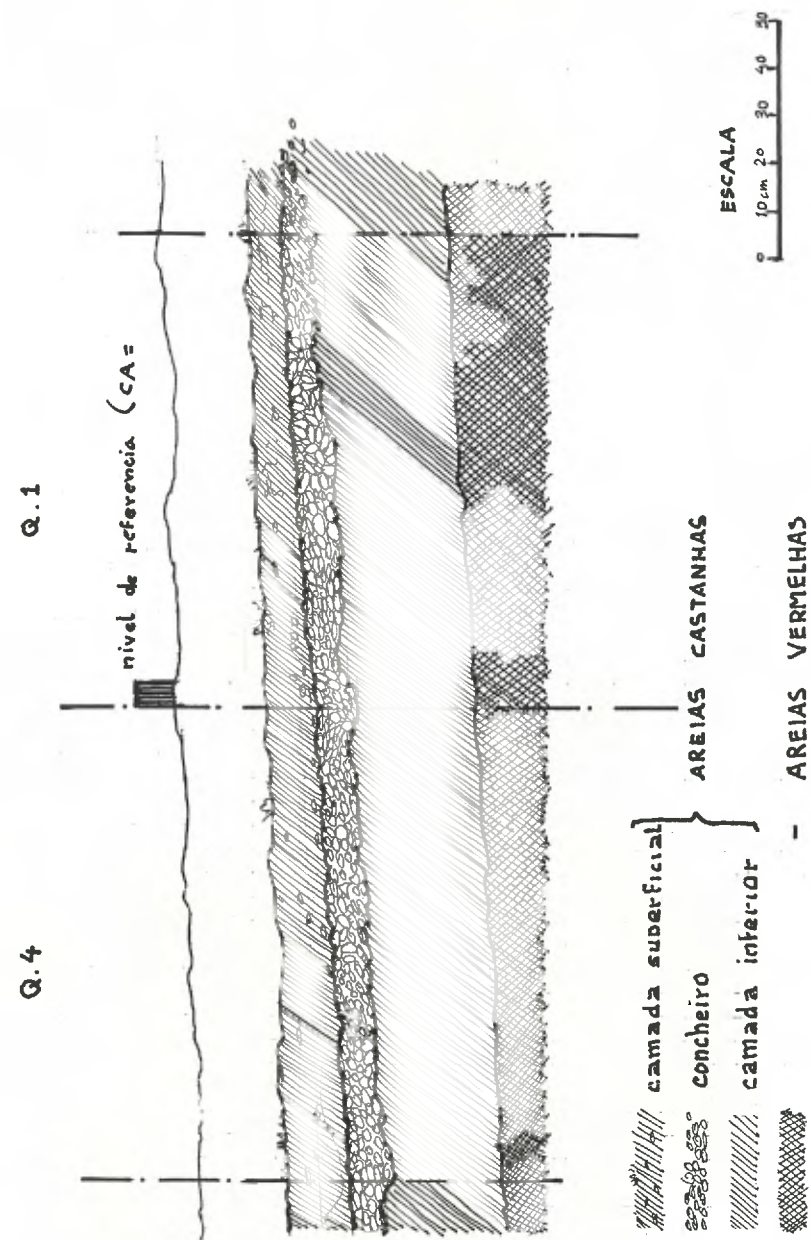


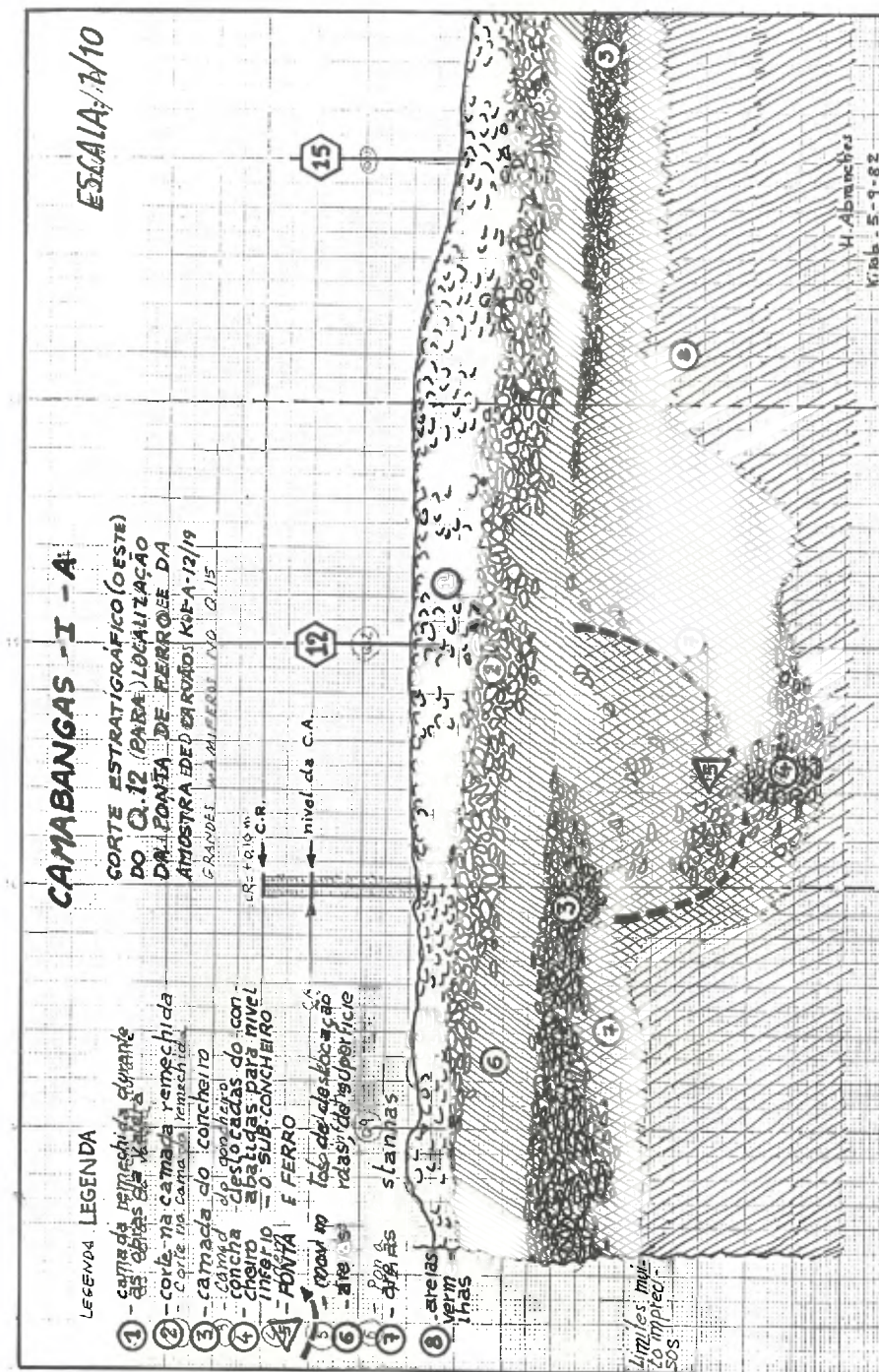
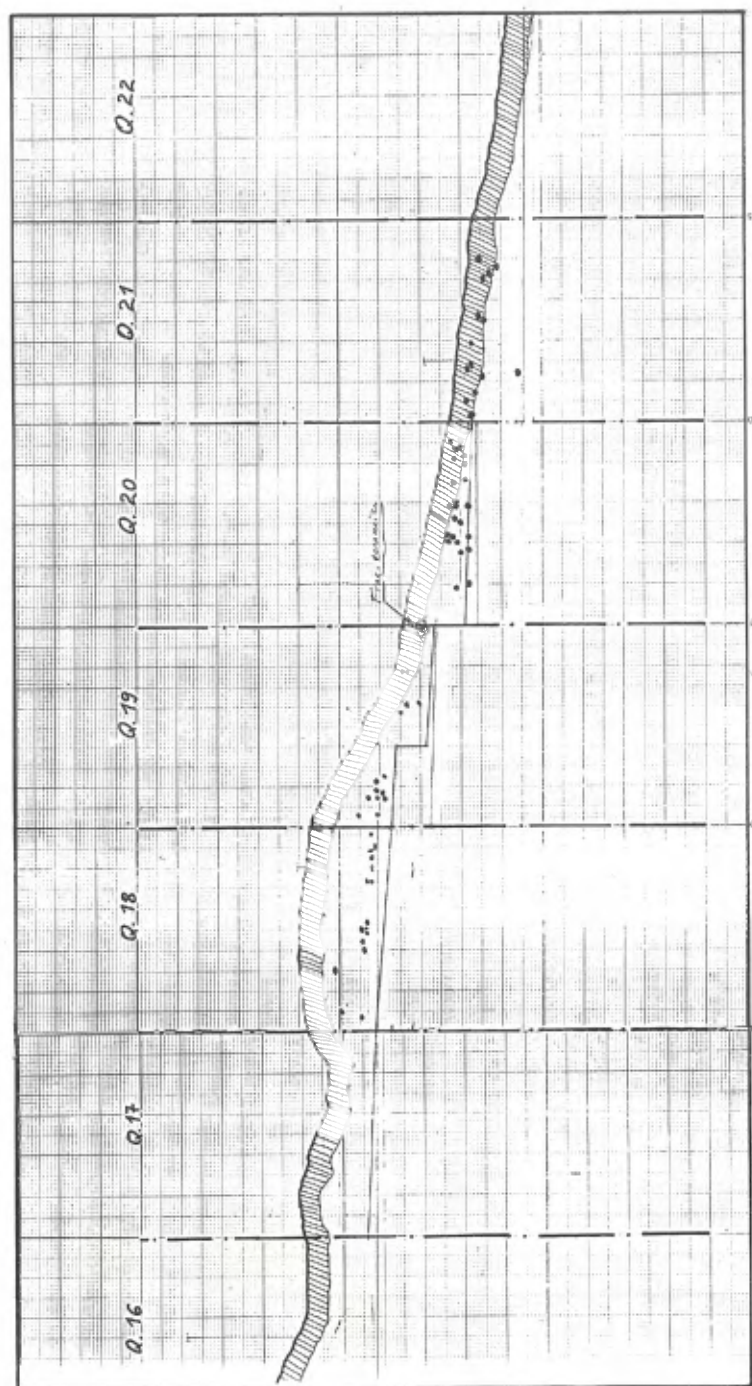




KAMABANGAS - I - zona A

ESTATIGRAFIA
corte A-B





ERRATA

LEBA – N.º 7

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Deve ler-se</i>
45			
O <i>Resumo</i> vem depois das <i>Conclusões</i> — devia vir na pág. 41			
47			
Não foi inserida a palavra <i>Resumo</i> na página 47			
63	12	mugração	migração
71	1	poude-se	pode-se
72	12	lqvantam	levantam
73	1	poude	pode
75	24	não	não
97 e 98			
As gravuras destas páginas deviam estar unidas e apenas na página (97)			
110	10	rehabilitar	reabilitar
115	26	terrotório	território
123	32	fotogr-lia	fotografia
158	6	coleta	colecta
201	13	nuseu	museu
251	12	35cm à 40cm	35 à 40 centimètres
264	31 e 38	Martins (R.)	Martins (João Vicente)
267	21	não referenciado	LOCALITÉ (no grupo central por cima de AN55 AN27)
269			
Não foi inserida a palavra <i>Resumo</i> na pág. 269			